

coleção
arte físsil

ANDREAS HUYSSEN

Culturas do passado-presente

modernismos, artes visuais,
políticas da memória

Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido seja qual for o meio ou os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Notas

- ¹ Theodor W. Adorno, “Cultural Criticism and Society”, *Prisms*, trad. Samuel e Shierry Weber, Cambridge, MA, MIT Press, 1981.
- ² W. G. Sebald, *On the Natural History of Destruction*, Nova York, Random House, 2003, p. 10 [Guerra aérea e literatura, com um ensaio sobre Alfred Andersch, trad. do original alemão, *Luftkrieg und Literatur*, por Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo, São Paulo, Companhia das Letras, 2011].
- ³ T. W. Adorno, “What does coming to terms with the past mean?”, in Geoffrey Hartman (org.), *Bitburg in Moral and Political Perspective*, Bloomington, Indiana University Press, 1986.
- ⁴ T. W. Adorno, *Negative Dialectics*, Nova York, Continuum, 1999, p. 362 [Dialética negativa, trad. Marco Antonio Casanova, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009].
- ⁵ Para alguns dos principais textos desse debate, ver Ernst Bloch *et al.*, *Aesthetics and Politics*, Londres, New Left Books, 1977.
- ⁶ Ver a contribuição de Herbert Marcuse para Robert Paul Wolff, Barrington Moore Jr. e Herbert Marcuse, *Critique of Pure Tolerance*, Boston, Beacon Press, 1969 [Crítica da tolerância pura, trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1970].
- ⁷ James E. Young, *The Texture of Memory: Holocaust Memorials and Meaning*, New Haven, Yale University Press, 1993.

A cultura da memória em um impasse: memoriais em Berlim e Nova York

No decorrer das duas últimas décadas, a cultura da memória e a política da memória tornaram-se verdadeiramente transnacionais, se não globais. Da África do Sul à Argentina e ao Chile, da Bósnia e do Kosovo a Ruanda, o trauma histórico e as violações dos direitos humanos despontaram como *loci* privilegiados da comemoração pública no trabalho de arquitetos, acadêmicos, pintores e escritores. Criaram-se Comissões da Verdade e, em países como Argentina e Chile, os tribunais tornaram-se atuantes nos últimos tempos, após um período prolongado de silêncio sobre o terrorismo de Estado do período da Guerra Fria. Com crescente frequência, as nações têm-se voltado para seu passado mais sombrio e amiúde reprimido. Algumas delas, como o Japão e a Turquia, deparam com pressões internacionais cada vez mais intensas para enfrentar sua história.

Depois da queda do Muro de Berlim, a política global dos memoriais cristalizou-se, na década de 1990, em torno de três grandes fatores: o discurso sobre o Holocausto e debates públicos mais intensos sobre o 50º e o 60º aniversários de eventos relacionados com a Segunda Guerra Mundial; as transições para a democracia, após o colapso dos regimes de terrorismo de Estado na América Latina e do *apartheid* na África do Sul; e a recorrência da limpeza étnica e do genocídio, na atualidade, nos Balcãs e em Ruanda. Essa dimensão política da comemoração foi acompanhada, no Ocidente, por uma transição mais generalizada da crença dominante no futuro da modernização para um investimento muito difundido no passado, através de ondas de nostalgia e moda retrô. Para alguns, essa obsessão recente com a memória marca uma necessidade crescente de historicidade num mundo de obsolescência planejada, bem como no presente em eterna expansão da cultura de consumo. Outros temem que a ubiquidade do discurso sobre a memória, no público e na mídia, ameace o conhecimento histórico objetivo, eliminando as barreiras entre passados inventados e o presente vivido. Na verdade, a própria memória pode tornar-se uma mercadoria a ser colocada em circulação por uma indústria voraz da cultura, sempre em busca de novos floreados.

Assim, muitos historiadores desconfiam desse surto de expansão da memória. Mas a simples oposição da boa história objetiva à memória indigna de

confiança não basta, como mostraram historiadores da memória, como Pierre Nora e Jan Assmann.¹ Mais recentemente, em seu incisivo ensaio intitulado “Quando terminou o Holocausto? Reflexões sobre a objetividade histórica”, Martin Jay recorreu ao extenso debate sobre a memória e o trauma para assinalar que as afirmações de desfecho implícitas na historiografia objetiva, baseada em fatos, naufragam na própria natureza da experiência traumática, que nega a reconciliação, a cura e o desfecho. A lembrança traumática da violência passada, portanto, é não só indigna de confiança, como toda lembrança, mas também cria problemas metodológicos fundamentais para os historiadores.² O discurso sobre a memória veio para ficar. A compreensão e a representação de passados históricos traumáticos exige a cooperação entre historiadores e aquilo que Carol Gluck, num feliz neologismo, chamou de *memoriadores*.³

O que ainda precisamos, porém, é de uma reflexão histórica sobre essa hipertrofia da memória em nossa época, algo análogo, talvez, à tentativa de Nietzsche de compreender a hipertrofia da história no século XIX.⁴ Está bem patente que o recente surto de expansão da memória é o outro lado da confiança decrescente no futuro das sociedades ocidentais. Comparados às promessas de progresso de uma época anterior, os atuais imaginários do futuro sofrem de uma confiança anêmica. Sem dúvida, depois de 1989, alguns celebraram o fim da utopia e da história, apenas para lançar as fantasias neoliberais de globalização da década de 1990. Cinco anos depois do 11 de setembro, porém, os horizontes escureceram e as exuberantes promessas da globalização consistem, majoritariamente, em mercadorias danificadas. Embora os discursos sobre a memória ainda estejam firmes e fortes, as vozes céticas que duvidam da eficácia da memória popular têm-se elevado. Porém, a relação entre as práticas de memorialização e a realidade do esquecimento continua a ser um pomo da discórdia. O paradoxo é que as próprias práticas comemorativas podem participar dos processos destemporalizantes do consumo instantâneo, da produção de lixo e do esquecimento, que marcam nossa cultura. O debate sobre o memorial do 11 de setembro talvez seja o melhor exemplo, até hoje, de como a memorialização e o esquecimento podem entrar numa aliança espúria, que tanto trai o passado quanto o presente. É o que quero dizer com a cultura da memória num impasse.

Esse paradoxo da memória e do esquecimento sempre teve sua melhor encarnação no meio constituído por monumentos e memoriais. Robert Musil acertou ao sugerir que nada é tão invisível no meio urbano quanto um monumento.⁵ Além disso, há uma longa história de monumentos que são vandalizados, derrubados e ressuscitados, e que tornam a desaparecer. Nada disso, é claro, inspira muita confiança na capacidade que alguns dos grandes memo-

riais de hoje – digamos, o Monumento aos Judeus Assassinados da Europa, em Berlim, e o planejado memorial do 11 de setembro, em Nova York – têm de manter viva a lembrança e visível o passado na trama urbana. Durante algum tempo, o monumento de Berlim e o memorial de Nova York (uma vez construído) servirão como grandes pontos turísticos. Mas quem pode garantir sua longevidade na mente popular, quando houver desaparecido o surto de expansão da memória? Talvez as dificuldades que cercam o planejamento do memorial do 11 de setembro já indiquem que estamos nos aproximando desse ponto. Num momento em que se levantou apenas cerca de 1/3 da verba necessária para construir um projeto já muito reduzido em sua escala, alguns novaiorquinos acreditam que o memorial jamais será construído. Não compartilho essa opinião, mas não posso negar que ela tem certa lógica.

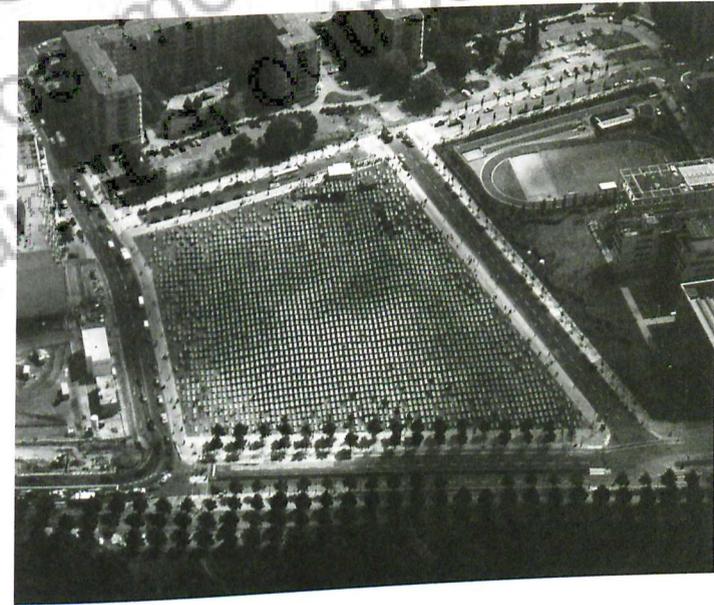
II

Por diversas razões, as discussões sobre o memorial do 11 de setembro têm recorrido, vez por outra, ao longo debate sobre o memorial de Berlim. Por isso, não fiquei surpreso quando recentemente me pediram para comparar o local do World Trade Center e os projetos do seu memorial com o Monumento aos Judeus Assassinados da Europa, em Berlim. Minha primeira reação foi negativa. Comparar o monumento de Berlim e o discurso de sua genealogia com o debate sobre o memorial do 11 de setembro, em Nova York, pareceu-me o exemplo de uma comparação flagrantemente inoportuna, se é que comparação pretende sugerir afinidade, semelhança e proximidade. Os eventos lembrados são diferentes demais em termos de natureza, escala e importância histórica. Mas, quando aceitei o desafio de relacionar o monumento acabado de Berlim com os planos do memorial de Nova York, emergiu uma perspectiva interessante, que talvez tenha uma significação maior. O memorial de Berlim, apesar do ceticismo inicial generalizado, foi abraçado por seus críticos e pelo público. O memorial de Nova York, apesar das esperanças exuberantes de construção de um grande monumento, já parece um fracasso desolador. É também isto que pretendo dizer com a cultura da memória num impasse.

O monumento berlinense foi erigido pelos *Nachgeborenen* [descendentes] dos perpetradores para comemorar as vítimas dos crimes dos nazistas contra a humanidade, que deram origem à convenção de 1948 sobre o genocídio e, mais tarde, impulsionaram grande parte do discurso transnacional sobre os direitos humanos em nossa época. Foi por isso que o debate na Alemanha, à parte sua importância nacional, teve uma poderosa repercussão internacional, que também está contida na dimensão europeia do nome do monumento.



Peter Eisenman, *Monumento aos Judeus Assassinados na Europa*, em Berlim



Peter Eisenman, *Monumento aos Judeus Assassinados na Europa*, em Berlim

O *Mahnmal*, ao lado do Museu Judaico de Berlim, tornou-se um ponto de referência internacional não só em Nova York, mas também nos projetos de memoriais noutras partes do mundo em que histórias de terrorismo de Estado, *apartheid* e limpeza étnica são celebradas. Foi isso que descrevi, em outro texto, como as viagens transnacionais do discurso do Holocausto e das práticas da memória.⁶ Em contraste, a memorialização do 11 de setembro tem-se concentrado cada vez mais na política nacional relacionada com a permanente “guerra ao terrorismo” e nas necessidades particulares das famílias das vítimas de celebrar seus mortos.

Assim, os memoriais lidam com públicos muito diferentes. Na Alemanha, o monumento de Berlim funciona nos níveis cívico e nacional. Só indiretamente, atravessando vastas distâncias de temporalidade e geografia, dirige-se às famílias das vítimas. O memorial de Nova York tem um funcionamento centralizado no nível pessoal e familiar, embora a linha que separa o íntimo e o político permaneça extremamente difusa em toda a memorialização do 11 de setembro. O memorial de Berlim tem a ver com o reconhecimento da história alemã perante o mundo, aliado a um compromisso nacional com a memória popular. O memorial de Nova York tem a ver com a política atual e com lembranças particulares, que estão em franco conflito; eu diria que também tem a ver com a evitação da história.

Na verdade, a memorialização em Nova York sofreu uma mudança radical, passando de um foco global para uma dimensão nacional e local estreita, ao passo que, em Berlim, o movimento foi no mínimo inverso, no contexto da década de 1990. Liz Greenspan descreveu essa mudança em Nova York como uma passagem da comemoração internacional e vernácula para a comemoração nacional e oficial.⁷ A comemoração vernácula brotou em toda a cidade logo depois do 11 de setembro – em torno do local do WTC, na capela St. Paul, na Union Square, no espaço de baldeação do metrô entre as linhas do West Side e o trem local da Grand Central, na Rua 42, e em muitas ruas da cidade, nas quais se ergueram tapumes cobertos de mensagens para exibir os nomes e fotos dos “desaparecidos”, além de trabalhos artísticos infantis, flores, velas e toda sorte de tributos. Essa comemoração vernácula teve uma enfática dimensão internacional: bandeiras de muitos países fizeram parte desses locais; surgiram inscrições em muitas línguas; “nós amamos os Estados Unidos”, “estamos do seu lado” e coisas similares foram escritas espontaneamente em muitos desses muros com mensagens. Essa dimensão cosmopolita, que também encontrou plena expressão na imprensa internacional, perdeu-se inteiramente nos rabugentos debates oficiais sobre a reconstrução do local e a construção de um monumento. A política local, os interesses imobiliários e a ideologia nacional criaram em torno do local do WTC um caldo venenoso, que não parece deixar o menor espaço para nenhuma consideração transnacional. As muitas vítimas não norte-americanas do 11 de setembro já nem sequer fazem parte do discurso. Ao mesmo tempo, é claro, o 11 de setembro desencadeou as guerras do Afeganistão e do Iraque, que quebraram rapidamente o encanto da solidariedade internacional com os Estados Unidos.

Mas a principal diferença na abordagem do público entre Berlim e Nova York reflete as temporalidades diferentes. Os prazos entre a celebração e o evento memorializado são divergentes demais. O monumento de Berlim foi erigido mais de cinquenta anos depois do Holocausto, e se insere na pós-história da unificação e na luta alemã de décadas para lembrar as vítimas do Terceiro Reich. O debate sobre o memorial de Nova York começou no dia seguinte ao acontecimento. Cinco anos depois, continua a ser imediato, bruto, não resolvido e perpassado por interesses maciçamente opostos e irreconciliáveis – interesses das famílias das vítimas, de políticos estaduais e municipais, de empresas construtoras, da Superintendência dos Portos e dos ideólogos da guerra ao terrorismo, sediados em Washington. Alguns entenderiam isso como uma defesa da tese de que é necessário um distanciamento do evento para que se possa memorializá-lo de forma adequada. Esse luxo não estava disponível em Nova York, já que o Marco Zero é também o próprio local da morte e do

sepultamento ausente – donde a tese do Marco Zero como um terreno sagrado ou bendito, que deve ser honrado, em vez de se construir nele. Alguns queriam deixá-lo como estava depois do 11 de setembro, considerando que o lembrete bruto dos restos de vigas de metal que se erguiam dos escombros era, por si só, o memorial mais apropriado. Como no caso de Berlim, onde alguns imaginaram deixar o centro da cidade, desde o Portão de Brandemburgo até a Potsdamer Platz, como um vazio ocupado pelos fantasmas da história, essa visão nunca teve a menor chance, além de ser irrealista, para começo de conversa. Além disso, todos nos lembramos das imagens.

Mas, ainda que não houvesse a necessidade muito real de homenagear os mortos, não é de admirar que o debate sobre como memorializar o 11 de setembro tenha começado *no dia seguinte*. Durante quinze a vinte anos, temos vivido numa cultura memorial em que as histórias traumáticas e os discursos de todo tipo sobre a vitimação ganharam as manchetes na mídia e no debate popular, bem como nas práticas artísticas e na pesquisa acadêmica. Esse discurso imprimiu-se imediatamente no 11 de setembro, e de tal forma que levou Hal Foster a falar do World Trade Center [Centro Mundial do Comércio] como World Trauma Center [Centro Mundial do Trauma].⁸ Foster pretendeu satirizar, mas é claro que se tratava exatamente disso, de um Centro MUNDIAL do Trauma – só que apenas por um breve momento de solidariedade internacional e empatia com Nova York, antes que o 11 de setembro se tornasse um símbolo da política nacional de exploração do trauma, da disseminação do medo e da malconduzida guerra ao terrorismo. O 11 de setembro não começou nem terminou em 11 de setembro.⁹ As causas a longo prazo, assim como os estragos e as consequências políticas que vieram na esteira desse acontecimento, nos planos internacional e nacional, levarão anos para ser avaliados. Receio que os efeitos do 11 de setembro, em especial, pesarão sobre qualquer memorial que se tenha construído, um dia.

É claro que poderíamos recitar alguns elos superficiais entre os memoriais de Berlim e de Nova York, os quais tornam mais plausível sua comparação. Eisenman foi de Nova York a Berlim para projetar o monumento. Libeskind foi de Berlim a Nova York preparar o plano diretor da área do WTC, que tanto é arquitetura quanto é, em si, um monumento memorial. Em certos sentidos, a Torre da Liberdade, como celebração dos valores norte-americanos, ofuscou o planejamento e a discussão do memorial do 11 de setembro. Temos aí mais um obstáculo a uma comparação significativa entre as práticas memoriais de Berlim e de Nova York. Afinal, quem quereria comparar a celebração triunfalista da liberdade criada por Libeskind – com sua agulha de 1.776 pés, imitando o braço da Estátua da Liberdade esticado para cima – com um mo-

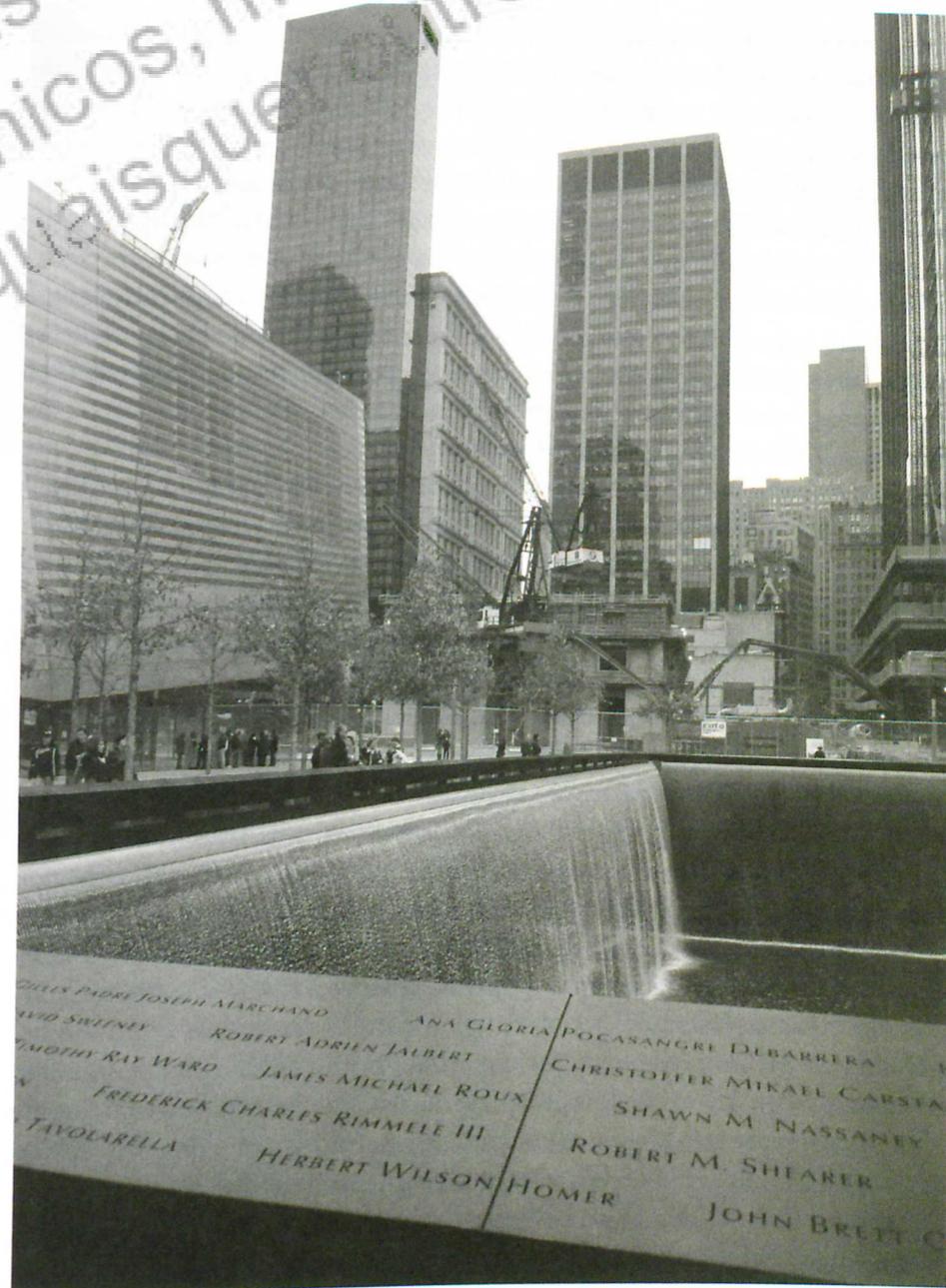
Todos os diretores podem ser referidos pela Lei.
Este artigo não pode ser referido.
transmissões: eletrônicos, mecânicos ou quaisquer outros.



Projeto do Memorial do World Trade Center

numento ao Holocausto? É Kafka que nos vem à mente como alguém que talvez desse uma interpretação diferente à agulha de Libeskind. Afinal, em seu romance *América*, ele imaginou a Estátua da Liberdade carregando uma espada, em vez da tocha da liberdade. É claro que Libeskind foi posto de lado como arquiteto. Mas a Torre da Liberdade ainda é a Torre da Liberdade, exceto que agora, depois da recente revisão de seu projeto, ela parece uma fortaleza na base com um míssil em cima.

O registro mais plausível de comparação entre os dois memoriais, que celebram eventos tão completamente incomparáveis, é o estilo. Permitam-me introduzir aqui uma breve descrição do candidato vitorioso no concurso de projetos para o memorial do 11 de setembro.¹⁰ Projetado por Michael Arad e Peter Walker e intitulado *Refletindo a ausência*, o monumento consiste em dois vazios que representam a área de implantação de cada torre original. Cercado por carvalhos, cada vazio terá anéis de água em cascata caindo sobre espelhos d'água iluminados. Os visitantes descerão da praça por duas rampas – cada qual do comprimento de um quarteirão – que os levarão, a pouco mais de nove metros abaixo do nível do mar, até um salão central. De lá, andarão para o interior das galerias que cercam o perímetro dos espelhos d'água. As paredes laterais das galerias trarão os nomes das vítimas do 11 de setembro e de 26 de fevereiro de 1993, data em que ocorreu um primeiro ataque a bomba no WTC. Adjacente aos dois espelhos d'água, um Museu do Memorial exibirá artefatos que contarão a história dos dois ataques. Os visitantes também terão acesso a um setor da maciça parede de contenção que barrou a invasão das águas do rio Hudson durante os ataques, e que apareceu com destaque no plano diretor de Libeskind.



Memorial do World Trade Center, em Nova York

A questão do estilo passa então a ser esta: basta olhar para o Jardim do Exílio, de Libeskind, no Museu Judaico, e para certas analogias formais do projeto de Eisenman em Berlim (analogias que considero instigantes, na verdade, por oferecerem uma ligação visual entre os dois lugares), para saber que os dois arquitetos são representantes de um estilo dominante da arquitetura contemporânea e do paisagismo dos memoriais que tornaria plausível a comparação; hoje, inúmeros projetos de monumentos no mundo inteiro trabalham mais com a geometria do que com a figuração, e com pedras, água e jardinagem paisagística.¹¹ Os projetos são mais desenvolvidos por arquitetos que por artistas; acrescente-se a isso o projeto de Arad para o memorial do 11 de setembro e sua óbvia relação com o Memorial dos Veteranos do Vietnã, em Washington, projetado por Maya Lin. Arad também vai para o subsolo, evita a figuração heroizante (nada de estátuas ou bandeiras), abraça a simplicidade dos jardins paisagísticos e dos materiais usados, usa o espaço simbolicamente, ao instalar seus espelhos d'água refletores da ausência nas áreas de implantação das torres, e assim por diante. Sejam quais forem as diferenças entre Libeskind e Eisenman, Lin e Arad, temos aí um campo ampliado de práticas usadas nos memoriais e uma política de significação que hoje é transnacional, altamente profissionalizada, controversa, na opinião de alguns, mas obviamente bem-sucedida com os políticos e com grande parte do público (embora não todo). A comparação estilística, entretanto, só vai até certo ponto. Só é válida quando o registro da análise limita-se aos aspectos estilísticos dos memoriais, esquecendo o conteúdo daquilo que deve ser lembrado por quem, onde e com que propósito.

Houve debates prolongados e acerbos sobre essas questões nas duas cidades. No que concerne ao debate popular, podemos destacar a presença influente de James Young, especialista em (contra)monumentos e memoriais, nos júris de Berlim e de Nova York, e render homenagem à sua tese de que talvez os debates em torno do projeto e do significado dos memoriais sejam mais importantes até do que os próprios memoriais construídos.¹² O debate popular e a controvérsia, portanto, poderiam ser tomados como prova da comparabilidade. O debate de Berlim estendeu-se por mais de doze anos. Em Nova York, estamos no começo do sexto ano, e temos vários outros anos de mudanças de planos, projetos e construções pelos quais ansiar ou com que nos aborrecer. Tal como em Berlim, houve em Nova York uma rejeição completa da primeira rodada de propostas de reconstrução global da área do WTC, um destino que a concorrência pelo projeto do memorial conseguiu evitar por pouco. Fez-se uma escolha do monumento – além de Young, Maya Lin foi outro membro do júri que, segundo consta, exerceu grande influência –, mas

o debate em torno da versão final ainda está em pleno curso. O projeto bastante parco e minimalista de Michael Arad já foi complementado pelo trabalho paisagístico de Peter Walker (Berlim trabalhou por subtração – Richard Serra afastou-se quando seu projeto original com Eisenman teve de ser alterado; Nova York trabalhou por adição). Dados os custos superiores aos previstos e os problemas de segurança, é possível que o projeto de Arad/Walker ainda tenha o mesmo destino que a Torre da Liberdade projetada por Libeskind: talvez a versão final não se pareça muito com o plano original. Por exemplo, alguns familiares das vítimas questionam a localização no subsolo, supostamente por razões de segurança. Outros não gostam da parede de contenção lá embaixo. Mas os argumentos fazem lembrar outros, parecidos, contra o projeto de Maya Lin: muito fúnebre, muito lúgubre, muito deprimente. Outros discutem se e como os nomes gravados das vítimas devem ser separados dos nomes dos bombeiros. Algumas vítimas são apenas vítimas, outras são também heróis, como se a morte não fosse um igualador universal. Alguns querem até que os nomes sejam gravados em termos de sua filiação às empresas e lojas das torres. Outros, ainda, como é compreensível, consideram todo o projeto do memorial muito ameno e recreativo. E o debate continua.

Minha impressão pessoal é que o desenho sóbrio e de delicado tato feito por Arad e Walker para o projeto do memorial (espaços vazios, água em cascata, paredes com nomes gravados) proporciona uma solução aceitável, embora não cintilante, para a tarefa de memorialização, justamente porque tira o caráter dramático, incentiva a reflexão e oferece um espaço não controverso para o luto público e privado. Também neutraliza toda a bagagem ideológica e as exigências excessivas de significação que vieram com o plano diretor original da Torre da Liberdade. E separa o campo de celebração e reflexão do movimento da rua na Baixa Manhattan, ao colocar os espelhos d'água e o salão do memorial bem abaixo, no fosso. Por outro lado, a não ser pelo fato de se construir o memorial sobre as áreas de implantação das torres, poderia tratar-se de um monumento a qualquer coisa.

Neste ponto, talvez convenha questionar a validade universal da ênfase de Young no processo de discussão e em sua duração ilimitada. Com certeza, eu não concordaria com Michael Kimmelman, o crítico de arte do *The New York Times* que sugeriu jogar no lixo todos os resultados do concurso para o projeto do memorial e simplesmente chamar um grande artista internacional, fazendo-o entrar de paraquedas no processo e lhe encomendando a criação do memorial como uma obra-prima.¹³ Isso seria incrivelmente escapista e elitista. Os memoriais populares dependem, sim, da contemporização. Os arquitetos estão mais bem preparados que os artistas para reconhecer a

necessidade de concessões nessas questões: basta observarmos a retirada de Richard Serra em Berlim. Com efeito, talvez não seja à toa que os memoriais de hoje são mais comumente projetados por arquitetos do que por artistas. Ao mesmo tempo, as concessões e o prazo indeterminado das discussões nem sempre geram resultados aceitáveis.

A necessidade de arquivar e documentar é outro aspecto dos debates públicos em torno dos dois memoriais. Na Alemanha, a questão era o reconhecimento político de crimes contra a humanidade e a incorporação desse reconhecimento na identidade nacional, depois da unificação. Por isso, é significativo que um centro de documentação histórica do Holocausto tenha sido acrescentado ao projeto original de Eisenman e Serra para o monumento. O museu que deverá fazer parte do memorial de Arad/Walker, por outro lado, tomará o cuidado de não mergulhar demais na história. É muito provável que seu enquadramento temporal se limite às horas da manhã do 11 de setembro – um evento atemporal, que não deve ser situado em nenhuma história política nem em um contexto mais amplo. A ausência do “2001” na linguagem corriqueira fala por si. O debate em torno do 11 de setembro tem a ver com a vitimação nacional e com perdas pessoais muito reais – emoções autênticas que têm sido rudemente instrumentalizadas para fins ideológicos nacionalistas. A tentativa de manter uma dimensão internacional, tendo o planejado Centro Internacional da Liberdade como parte da construção do local, foi um fiasco vexatório. Foi atacada pela direita como antiamericana, por sua previsível inclusão de lutas pela liberdade noutros lugares do mundo, e atacada pela esquerda como excessivamente ideológica em seu foco na liberdade; não admira que tenha sido descartada. As lembranças da crítica ideológica ao Centro Internacional da Liberdade, feitas sobretudo pela direita, garantirão uma prática expositiva anistórica no museu do memorial.

A história e a memória relacionam-se de maneiras diferentes nas duas cidades. Berlim é uma metrópole repleta de monumentos de grande significação histórica: a Topografia do Terror, o Bendlerblock, os campos de concentração de Sachsenhausen e Oranienburg, em seus arredores, a estação ferroviária de Grunewald, o projeto dos Lugares da Memória, de Renata Stih e Frieder Schnock, no Bayerisches Viertel, e assim por diante. Isso não quer dizer que Nova York também não tenha monumentos e memoriais, mas a questão é que eles nunca estão tão presentes no pensamento dos nova-iorquinos quanto estão no dos berlinenses os memoriais de sua cidade. A história e a memória, tenuemente ligadas na política de comemoração de Berlim, ficam muito separadas em Nova York. Talvez isso seja função das temporalidades diferentes de que falei. Ou talvez os eventos de 11 de setembro de 2001 ainda estejam perto demais

e muito vivos na memória para permitir uma reflexão histórica mais ampla. A artista colombiana Doris Salcedo, em outro contexto de desaparecimentos violentos, lembra-nos de uma obrigação que parece ter sido perdida de vista no debate sobre o memorial de Nova York: “É cada vez mais difícil localizar a fronteira difusa entre o íntimo e o político. O luto dos parentes dos desaparecidos, como qualquer luto, é de natureza íntima; no entanto, quando a essência desses acontecimentos é política, creio que a sociedade deve reconhecê-la.”¹⁴

O memorial de Arad/Walker não reconhece nada dessa natureza. A ausência que ele reflete não é a ausência da história e da política em seu projeto, ainda que a história e a política sejam componentes centrais do 11 de setembro e de sua comemoração. Nesse aspecto, creio, ele se mantém fundamentalmente diferente do monumento berlinense e mais próximo do MVV de Maya Lin, em Washington, que concilia visões irreconciliáveis sobre a Guerra do Vietnã nas diferentes práticas comemorativas que permite. Ainda estamos por ver se, no fim, o memorial nova-iorquino acabará surtindo os efeitos desejados. Não é certo nem mesmo que o produto final se pareça com o projeto original, o qual, de fato, logo poderá ser esquecido. Enquanto isso, para mim, o memorial mais poderoso e comovente continua a ser o Tributo de Luz, de Verdier e Myoda – dois fachos luminosos que se projetam no céu noturno, onde um dia se ergueram as duas torres. Fugazes e penetrantes, mas serenos e transitórios, eles são os únicos a marcar a ausência no aniversário do 11 de setembro.

Notas

- ¹ Jan Assmann, *Das kulturelle Gedächtnis*, Munique, 1997; Pierre Nora, *Realms of Memory: The Construction of the French Past*, v. 1: *Conflicts and Divisions*, Nova York, 1996.
- ² Martin Jay, “When Did the Holocaust End? Reflections on Historical Objectivity”, in *Refractions of Violence*, Nova York, 2003, p. 47-60.
- ³ Ver o livro de Gluck a ser lançado, *Past Obsessions: World War II in History and Memory*, Nova York, no prelo.
- ⁴ Ver Friedrich Nietzsche, *On the Advantage and Disadvantage of History for Life*, trad. Peter Preuss, Indianápolis, 1980 [Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida, trad. Marco Antônio Casanova, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003]. Procurei trabalhar no sentido dessa explicação histórica da cultura contemporânea da memória, em relação à temporalidade, em *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia* (Nova York e Londres, 1995), e, em relação ao espaço, em *Present Pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory* (Stanford, 2003).
- ⁵ Robert Musil, “Monuments”, in *Posthumous Papers of a Living Author*, trad. Peter Wortsman, Londres, 1993, p. 61 [O melro e outros escritos de obra póstuma publicada em vida, trad. Nicolino Simone Neto, São Paulo, Nova Alexandria, 1996].

- ⁶ Huyssen, "Present Pasts: Media, Politics, Amnesia", in *Present Pasts*, p. 11-29 ["Passados presentes: mídia, política, amnésia", in A. Huyssen, *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, trad. Sergio Alcides; seleção de textos Heloisa Buarque de Hollanda, Rio de Janeiro, Aeroplano/UCAM, 2ª ed., 2004].
- ⁷ Elisabeth Greenspan, "A Global Site of Heritage? Constructing Spaces of Memory at the World Trade Center Site", *International Journal of Heritage Studies* 11, n.º 5, dezembro de 2005, p. 371-384.
- ⁸ Hal Foster, "In New York", *The London Review of Books*, 20 de março de 2005.
- ⁹ Esse problema de datar os acontecimentos traumáticos em termos de causas e efeitos foi explorado de maneira convincente no já citado ensaio de Martin Jay, "When Did the Holocaust End?".
- ¹⁰ Para uma boa discussão do concurso, ver Nancy Princenthal, "Absence visible: chosen by a jury from 5,201 submitted proposals, the design for the World Trade Center memorial is both the epitome of tact and a consummate expression of bafflement", *Art in America*, abril de 2004.
- ¹¹ Outro exemplo desse estilo transnacional é o Parque de la Memoria, em Buenos Aires, que discuti em *Present Pasts*, p. 94-109. Infelizmente, esse é também outro exemplo de projeto ambicioso de um memorial que, em decorrência do financiamento hesitante e da falta de vontade política, talvez esteja destinado a sobreviver apenas como a ruína de um memorial.
- ¹² James Young, *At Memory's Edge: After-Images of the Holocaust in Contemporary Art and Architecture*, New Haven, 2000, e "The Memorial Process: A Juror's Report from Ground Zero", in John Mollenkopf (org.), *Contentious City: The Politics of Recovery in New York City*, Nova York, 2005, p. 140-162.
- ¹³ Michael Kimmelman, "Ground Zero's Only Hope: Elitism", *The New York Times*, 7 de dezembro de 2003, seção 2, p. 1, 47.
- ¹⁴ Marguerite Feitlowitz, "Interview with Doris Salcedo", <http://www.crimesofwar.org/cultural/cultural-table.html> (consultado em 1º de julho de 2008).

Bibliografia

- ASSMANN, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis*. Munique, 1997.
- FEITLOWITZ, Marguerite. "Interview with Doris Salcedo". <<http://www.crimesofwar.org/cultural/cultural-table.html>> (consultado em 1º de julho de 2008).
- FOSTER, Hal. "In New York", *The London Review of Books*, 20 de março de 2003.
- GLUCK, Carol. *Past Obsessions: World War II in History and Memory*. Nova York, no prelo.
- GREENSPAN, Elisabeth. "A Global Site of Heritage? Constructing Spaces of Memory at the World Trade Center Site", *International Journal of Heritage Studies* 11, n.º 5, dezembro de 2005, p. 371-384.
- HUYSSSEN, Andreas. *Present Pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory*. Stanford, 2003.
- _____. *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*. Nova York e Londres, 1995.
- JAY, Martin. "When Did the Holocaust End? Reflections on Historical Objectivity". In: *Refractions of Violence*. Nova York, 2003, p. 47-60.
- MUSIL, Robert. "Monuments". In: *Posthumous Papers of a Living Author*. Trad. Peter Wortsman. Londres, 1993 [O melro e outros escritos de obra póstuma publicada em vida. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Nova Alexandria, 1996].
- NIETZSCHE, Friedrich. *On the Advantage and Disadvantage of History for Life*. Trad. Peter Preuss. Indianápolis, 1980 [Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003].
- NORA, Pierre. *Realms of Memory: The Construction of the French Past*, v. 1: *Conflicts and Divisions*. Nova York, 1996.
- PRINCENTHAL, Nancy. "Absence visible: chosen by a jury from 5,201 submitted proposals, the design for the World Trade Center memorial is both the epitome of tact and a consummate expression of bafflement", *Art in America* 92, n.º 4, abril de 2004, p. 38-48.
- YOUNG, James. *At Memory's Edge: After-Images of the Holocaust in Contemporary Art and Architecture*. New Haven, 2000.
- _____. "The Memorial Process: A Juror's Report from Ground Zero". In: John Mollenkopf (org.), *Contentious City: The Politics of Recovery in New York City*. Nova York, 2005.